

Três Vezes Emilio Willems: Reflexões Sobre os Relatos Autobiográficos de um Antropólogo

FELIPE NERI ALVES PINTO

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Campinas-São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4909-6093>
felipepinto.nery@yahoo.com.br

Introdução

Emilio Willems (1905-1997) foi um dos cientistas sociais mais importantes no Brasil na década de 1940. Professor das duas principais faculdades de São Paulo – Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL - USP) – e criador e editor da *Revista Sociologia*, Willems foi uma figura institucional forte para o desenvolvimento das ciências sociais –especialmente a antropologia – no curto período em que esteve no Brasil. Pioneiro em estudos de aculturação e estudos de comunidades no Brasil, Willems foi personagem central na institucionalização das ciências sociais de São Paulo na década de 1940, marcando uma geração de pesquisadores.

Nascido em 1905 em Niehl, subúrbio rural da cidade de Colônia, Willems realizou seus estudos universitários a partir de 1924 na Universidade de Colônia, onde entrou em contato com o sociólogo Leopold von Wiese (1876-1969). Em 1925, Willems transferiu-se para Berlim, onde se graduou em economia e realizou o doutoramento no programa de Sociologia, História Moderna e Economia da Universidade de Berlim. Sob orientação de Alfred Vierkandt (1867-1953), defendeu em 1930 uma dissertação sobre a opinião pública e a imprensa, “Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen:

Ein Beitrag zur speziellen Soziologie” (1930), e passou a conviver com nomes importantes da sociologia alemã, como Karl Dunkmann (1868-1932) e Theodor Geiger (1891-1952).

Em 1931, observando a ascensão do Nacional-Socialismo e sofrendo com as dificuldades econômicas da Alemanha, Willems emigrou para o Brasil, estabelecendo-se em Brusque/SC, onde passou a lecionar grego e latim em uma escola confessional. Após rápida passagem como professor secundário em Jacarezinho/PR, Willems se mudou em 1936 para São Paulo/SP. Ali, tornou-se professor secundário e iniciou, sob a orientação de Fernando de Azevedo (1894-1974), sua livre docência no Instituto de Educação, vinculado à Universidade de São Paulo, defendendo a tese *Mobilidade e Flutuação das Profissões e O Problema Educacional no Brasil* (1937). No Instituto, foi professor-assistente de filosofia educacional e sociologia da educação. Em 1939, em parceria com Antenor Romano Barreto (1891-1982), Willems criou a *Revista Sociologia* e a enciclopédia *Leituras Sociológicas*, e, em parceria com o etnólogo alemão Herbert Baldus (1899-1970), o *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, obras importantes para a divulgação científica no país. Em 1941, com o decreto nacional que instituiu o ensino da disciplina de antropologia nas faculdades de filosofia, Willems assumiu a disciplina na Universidade de São Paulo, que, em 1949, se tornaria a cadeira 49 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), dividindo as aulas em antropologia cultural e antropologia física. No mesmo ano em que assumiu a disciplina de antropologia da USP, Willems foi convidado por Donald Pierson (1900-1995) para lecionar no curso de pós-graduação da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), primeira pós-graduação em sociologia do país.

Ao longo da década de 1940, Willems realizou uma série de viagens ao interior e litoral do sudeste do país, publicando trabalhos seminais sobre populações rurais. Realizou pesquisas de campo sobre aculturação de imigrantes, principalmente alemães e japoneses, publicando os livros *Assimilação e Populações Marginais no Brasil* (1940), *A aculturação dos Alemães no Brasil* (1946), *Aspectos da Aculturação dos Japoneses no Estado de São Paulo* (1948) e diversos artigos. Em 1945, Willems realizou no município paulista de Cunha o primeiro Estudo de Comunidade no Brasil, publicado em 1948 sob o título de *Cunha: Tradição e transição em uma comunidade rural do Brasil* e republicado como *Uma vila brasileira, tradição e transição* (1961). Em 1947, realizou trabalho de campo na Ilha de Búzios, no litoral paulista, estudo publicado em 1951 nos Estados Unidos. Nessas pesquisas, o professor foi acompanhado de diversos assistentes de pesquisa, alunos da FFCL e da ELSP, treinando-os nas técnicas de pesquisa de campo. Entre esses alunos estavam nomes que se destacariam nas décadas seguintes nas ciências sociais brasileiras, como Florestan Fernandes (1920-1995) e Gioconda Mussolini (1913-1969).

Em 1948, Willems foi convidado pela Universidade de Vanderbilt de Nashville, Tennessee, nos Estados Unidos, para lecionar no curso de verão, voltando no ano seguinte como professor convidado do Instituto de Estudos Brasileiros daquela instituição e do departamento de Antropologia, migrando definitivamente para o país na década de 1950. Após sua ida aos Estados Unidos, ele lecionou, além de Vanderbilt, onde se tornou professor emérito, como professor visitante na Universidade de Michigan, na Universidade Berkeley, na Faculdade Nacional da Colômbia, na Universidade do Chile, e em diversas universidades da Alemanha Ocidental. Depois de se radicar nos Estados Unidos, Willems continuou a se dedicar ao Brasil e à América Latina. No final da década de 1950, realizou pesquisa sobre o crescimento do protestantismo no Chile e no Brasil, publicando o livro *Followers of the New Faith: Culture Change*

and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile (1961). Em 1975, Willems publicou o livro *Latin American Culture: An Anthropological Synthesis* a partir de suas pesquisas realizadas nos anos anteriores.

Intenso colaborador de revistas como *Kölner Zeitschrift für Soziologie, Revista Sociologia* e em diversos periódicos americanos, Willems publicou mais de 95 artigos e 15 livros ao longo de sua carreira. Professor dedicado em produzir materiais didáticos, elaborou dois dicionários, uma enciclopédia, uma revista, e foi um professor fundamental na difusão no Brasil de autores e conceitos das ciências sociais da Alemanha e dos Estados Unidos.

Apesar da importância de Willems para a institucionalização e desenvolvimento da antropologia em São Paulo, o professor foi caindo em esquecimento nas décadas seguintes a sua transferência para os EUA em 1949. Foi somente a partir da década de 1980 que a figura de Willems começou a atrair a atenção de estudiosos da história da disciplina e iniciou-se um processo de retomada de suas contribuições. Mesmo sendo caracterizado pela bibliografia como sendo uma pessoa reservada e não muito afeita a narrar fatos sobre sua vida pessoal (Cf. a este respeito: Marras, 2003; Villas Boas, 2000), Willems escreveu não apenas um, mas três textos autobiográficos, cada qual com um propósito diferente. Esse dado, por si só chama a atenção. Afinal, reescrever seus relatos três vezes e refletir sobre sua trajetória permitiu ao professor reelaborar a forma como compreendia sua própria experiência. Além disso, o fato de apenas o mais curto desses textos ter sido publicado é um indicativo importante.

Neste artigo, pretendo refletir sobre a produção dessas três autobiografias escritas pelo professor: a primeira em 1983 em projeto organizado por Oracy Nogueira (1917 -1996); a segunda um “depoimento autobiográfico” escrita em 1985 para Mariza Corrêa (1945 - 2016); e por fim o que venho chamando de uma autobiografia familiar escrita em 1993 sob o título *My life in Three Worlds*. Não se trata aqui de retomar a trajetória de Willens a partir desses textos (Para isso ver Alves Pinto, 2020; Alves Pinto, 2024; Villas Bôas, 2006). O foco deste artigo é compreender como o professor narrou sua experiência a partir de uma visão comparativa dos três relatos autobiográficos em questão. Pensar sobre a produção desses textos autobiográficos escritos por Willems nos permite refletir sobre o próprio fazer autobiográfico. O que cada um desses textos permite compreender deste que foi um dos nomes mais importantes da antropologia brasileira na década de 1940? Como os dez anos que separam o primeiro do último texto, os diferentes interlocutores e as preocupações de Willems se cristalizam nos textos? Como a bibliografia das ciências sociais abordou a figura do professor a partir desses relatos?

Dessa forma, um exame comparativo dos três relatos autobiográficos produzidos pelo antropólogo pode fornecer pistas importantes sobre a forma que o professor desejava reconstruir o seu passado. Os nomes e atividades recorrentes nos relatos, as omissões, as mudanças de interpretação e as recepções dos textos são indícios que ensejam a reflexão sobre o próprio fazer biográfico. Afinal, como aponta Bourdieu em seu famoso texto em que propõe o uso de trajetórias “o relato, seja ele biográfico ou autobiográfico [...] tendem ou pretendem organizar-se em sequencias ordenadas segundo relações inteligíveis” (Bourdieu, 2006, p.184) para dar coerência a uma sucessão de acontecimentos. Assim, a partir do enfoque nas autobiografias – e de suas diferenças – é possível “capturar as narrativas de sujeitos sobre suas experiências e incorporar suas interpretações, apontar junções e disjunções temporais, mudanças e continuidades, tradições e rupturas” (Kofes, 2001, p. 164).

O texto autobiográfico de 1983: Oracy Nogueira e a coleção Grandes Cientistas Sociais Brasileiros

O primeiro texto autobiográfico escrito por Willems data de 1983 e foi enviado para Oracy Nogueira. Florestan Fernandes estava organizando uma série para a editora Ática sobre cientistas sociais brasileiros e encomendou que Nogueira realizasse os dois primeiros volumes que seriam dedicados a Donald Pierson e Emilio Willems (sobre a história e achado dessa coleção, ver Cavalcanti, 1997). Os livros dessa coleção consistiriam em uma pequena introdução biográfica dos cientistas sociais escolhidos seguido por textos de maior relevância selecionados.

Para realizar tal tarefa, Nogueira entrou em contato com Willems para solicitar sua ajuda com dados referentes a sua carreira e produção bibliográfica para que pudesse escolher textos do pesquisador que seriam republicados. O primeiro contato de Nogueira com Willems já tem um componente importante sobre a história da relação dos dois antropólogos e sobre a forma com que o professor alemão iria imprimir em seu trabalho autobiográfico. O tom de Nogueira em carta de 4 de janeiro de 1983 é dúbio. Ao mesmo tempo que inicia formalmente, apresentando a si e ao projeto organizado por Fernandes, relembra o passado em comum com seu ex-professor. Escreveu Nogueira:

Prezado Dr Willems.

Votos de boa saúde ao Senhor e aos seus.

Sou professor titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo e espero aposentar-me nos próximos meses para exercer atividades sem as peias da burocracia universitária.

O Florestan convidou-me para organizar um volume a seu respeito para a série “os Clássicos das Ciências Sociais”, que ele dirige para a editora Ática. O volume deverá ter umas 200 páginas, entre a introdução (40 a 50) e textos selecionados de sua autoria.

Venho pedir o seu auxílio no sentido de facilitar-me essa tarefa, que aceitei prazerosamente, por constituir oportunidade para homenagear um ex-professor a quem tanto admiro.

Preciso de um curriculum vitae seu tão minucioso quanto possível com os eventos de sua carreira, suas publicações e referências bibliográficas a seu respeito. Também receberei com prazer quaisquer sugestões que queira fazer.

Informei o Vicente Unzer de Almeida sobre esta minha tarefa e foi ele quem deu seu endereço.

Fiz um seminário com os meus alunos da Faculdade de Economia sobre um texto seu sobre “Burocracia e patrimonialismo”, da década de 1940, sobre a realidade brasileira, e houve grande interesse, principalmente pela atualidade de suas observações, não obstante tudo que tem acontecido por aqui, no decorrer destes 30 a 40 anos.

Recomendações aos seus e um abraço do discípulo e amigo. (Nogueira, 1983b)

Além do nome de Florestan Fernandes, outro personagem, este menos conhecido, aparece na apresentação do professor: Vicente Unzer de Almeida (1916-1984). Almeida foi aluno da Escola Livre de Sociologia e Política no bacharelado e na pós-graduação e também foi aluno de pós-graduação na Universidade de Vanderbilt, onde possivelmente manteve contatos com Willems a ponto de ainda pos-

suir o endereço do professor na cidade. De fato, a ponte de Almeida parece ser importante para os dois professores em diálogo, sendo seu estado de saúde sempre comentado pelos professores que lamentaram sua morte um ano mais tarde. Nogueira, inclusive, chegou a escrever o obituário de Almeida para a Revista de Antropologia do ano seguinte (Nogueira, 1985).

A resposta de Willems não tardou. Em 12 de janeiro, menos de 10 dias depois da carta inicial, Willems respondeu a Nogueira:

Meu Caro Oracy,

Você não pode imaginar o prazer que me deu a sua carta de 4 de janeiro, a primeira notícia sua desde o memorável jantar em sua casa, em outubro de 1970! Ainda bem que pretende aposentar-se. Eu estou aposentado desde 1975, gostando da liberdade de fazer o que gosto de fazer.

Fiquei muito satisfeito com a idéia do Florestan de organizar um volume de excertos tirados de livros e artigos meus. Peça-lhe o obséquio de agradecer-lhe em meu nome. Escrever-lhe-ia pessoalmente, mas não tenho o endereço dele.

‘vou preparar um esboço bibliográfico, assim como a minha bibliografia completa, excluindo apenas resenhas de livros. Aliás, a bibliografia seguirá dentro de poucos dias, de modo que a seleção dos excertos poderá ser feito logo [sic].

[...]

Recomendações a D. Lisette, e um grande abraço (Willems, 1983b)

Nessa resposta, Willems rompe com as formalidades iniciais de Nogueira. A começar pelo uso do prenome, passando a referência ao jantar na casa do brasileiro há mais de dez anos até as saudações à esposa de Nogueira, chamada por Willems de dona Lisette. Além disso, o fato de os professores não se falarem desde o encontro no referido jantar indica uma relação um tanto distanciada. Da mesma forma que aparece o amigo Florestan, uma vez que não possuía o endereço dele (a última troca de correspondência entre os dois consta de 1977¹). Nessa carta Willems apresenta pela primeira vez a ideia de realizar um “Esboço Biográfico”. Se na carta anterior Nogueira solicitava apenas um currículo e dados referentes as publicações de Willems, o professor alemão se prontificou a realizar um trabalho autobiográfico. De fato, o professor afirmou que pelo entendimento que tivera da carta de Nogueira, que este esperaria “mais do que um *curriculum vitae* convencional.” e que iria “compilar uma biografia que contenha todos os dados relevantes sem cair em prolixidades” (Willems, 1983c).

Em 25 de abril daquele ano Willems enviou sua autobiografia. Segundo o professor, ele teria preparado “uma exposição um tanto detalhado [sic]” (Willems, 1983d) segundo o entendimento do que Nogueira o havia solicitado, mas queixava-se de que ela “já esta[va] ficando longa demais” (Willems, 1983d) Assim, fornecia a Nogueira a autorização de suprimir trechos e realizar correções no texto, uma vez que “é praticamente impossível conseguir cópia limpa de um texto em língua ‘estrangeira’

1 Segundo o acervo da UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, Correspondência, a correspondência entre Florestan Fernandes e Willems se concentrou principalmente na década de 1950 e a última troca de cartas foi em 1977.

(Willems, 1983e). Ou seja, passados mais de trinta anos desde que emigrara aos EUA, o português já passara a ser visto pelo professor como língua estrangeira.

Esse esboço bibliográfico enviado por Willems agradou a Nogueira e foi a base para o livro sobre professor para a *Coleção Grandes cientistas sociais brasileiros* (Nogueira, 1983a), escrito, mas nunca publicado. Vendo a listagem bibliográfica enviada por Willems, Nogueira se lastimou “que o Brasil não tenha contado por mais tempo com sua colaboração pessoal” (Nogueira, 1983c). E sobre o texto autobiográfico, cogitou a publicação em livro:

Achei sua autobiografia de grande interesse para o público brasileiro. Além disso, ela tem muito em comum com a do Dr. Pierson, sobre quem preparei um livro similar para a mesma série. Se o Senhor e ele aprovarem, gostaria de incluir ambas num volume, como “histórias de vida” de dois cientistas sociais, com uma introdução minha, dependendo de interesse da mesma ou de outra editora, que suponho existir. (Nogueira, 1983d)

Aparentemente, Nogueira confiou em demasia no interesse editorial que as biografias atrairiam. No final das contas, nem o projeto que escreveu a pedido de Florestan Fernandes chegou a ser publicado. O próprio Willems, no entanto, demonstra não estar inteiramente satisfeito com a possibilidade de o texto enviado ser publicado tal como estava. Segundo Willems, ele estaria de acordo com a publicação, mas pede para que, se for achada uma editora para levar a cabo o projeto, que possa acrescentar mais algumas páginas em seu texto (Willems, 1983f).

Datada de abril de 1983, essa autobiografia enviada por Willems para Oracy Nogueira contava com 10 páginas escritas em português em que o professor apresenta a sua carreira. Willems oferece, nesse texto, um vislumbre que até então era desconhecido de sua infância na Alemanha. No texto escrito por Nogueira (1983a), inclusive, o passado de Willems foi descrito como sendo desconhecido até de seus alunos na década de 1940 nas faculdades paulistas. Segundo Nogueira, o português perfeito do professor fazia com que os alunos achessem que Willems era descendente de alemães nascido no sul do país.

Da primeira até a quinta página, Willems narra sua educação na Alemanha 1905-1931, desde seus primeiros passos em Niehl sua adolescência em Colônia até seu período como estudante em Berlim. Um detalhe importante na forma de caracterizar seu país de origem é o de nominar a sua região como sendo da “Alemanha Ocidental”. O texto foi escrito em meio ao período de separação das duas Alemanhas pós segunda guerra, e em meio a guerra fria, o professor parece achar natural no início da década de 1980 pontuar isso. Esse aspecto parece particularmente importante, pois enquanto escrevia esse texto autobiográfico para Nogueira Willems estava trabalhando em seu livro sobre o militarismo alemão. Foi um retorno do antropólogo ao estudo da sua terra natal após se aposentar e que viria a publicar em 1984 em alemão e 1986 em inglês. Da quinta a oitava página da autobiografia o professor centra seu texto sobre o período em que residiu no Brasil (1931-1949). Destaca sua adaptação no sul do país, o contato inicial com a bibliografia ensaística brasileira e com alguns dos temas que posteriormente viria a estudar. Apenas as duas últimas páginas são dedicadas a emigração para os EUA e suas pesquisas no período em que era professor de Vanderbilt. Interessante notar que, mesmo sendo um pequeno texto, Willems considerava, como vimos, que estava escrevendo em excesso.

As referências intelectuais de Willems destacadas nesse texto são diversas. Sua formação na Universidade de Berlim conta com nomes como Sombart (1863-1941), Herkner (1863-1932) e Vierkandt descritos por sua “excelência” e por terem aguçado a sua curiosidade intelectual” (Willems, 1983, p. 3); o “famoso Leopold von Wiese [que] havia despertado o [s]eu interesse na sociologia” na Universidade de Colônia; “o entusiasmo das “preleções de um Marcel Mauss [1872-1950] e de outros sociólogos eminentes” de Paris; e Karl Dunkmann e Theodor Geiger, este último “talvez o mais talentoso dos sociólogos novos” (Willems, 1983, p.3), ambos do círculo de Vierkandt e que lhe influenciaram.

Do Brasil, nomes importantes foram lhe apresentados por um amigo: Guilherme Renaux. A partir do texto Willems nada sabemos sobre Renaux. Filho de um importante industrial, político e diplomata local, Renaux foi um industrial importante em Brusque, mas seu nome aparece e desaparece do texto de Willems sem maiores preocupações. É o amigo que lhe apresentou um “mundo diferente e totalmente novo” (Willems, 1983, p. 5) com os textos de Alberto Torres (1865-1917), Oliveira Vianna (1883-1951) e Gilberto Freyre (1900-1987). Outros nomes importantes para Willems foram o de uma série de intelectuais radicados em São Paulo e que foram os responsáveis por levar Willems para as instituições de ensino paulistas: O professor de direito e dono de colégio particular Antônio Sampaio Dória (1883 – 1964), responsável por contratar Willems e que possibilitou sua migração para a cidade; Fernando de Azevedo, orientador na tese de livre docência e do qual foi professor assistente em sociologia educacional; Herbert Baldus, etnólogo alemão que “irradiava a autoridade de um exímio pesquisador de campo” e cuja presença permitiu a Willems aprender “mais etnologia do que se poderia extrair do melhor dos manuais” (Willems, 1983, p. 6) e posteriormente Donald Pierson, professor responsável pela contratação de Willems na ELSP.

Ao abordar o período em São Paulo, Willems cita rapidamente sua passagem como docente das faculdades. Na realidade, o professor não cita nada sobre suas aulas. Sobre o seu papel na FFCL, sabemos por esse relato apenas que, após ter o título de livre docente em sociologia educacional, o professor teria virado assistente da FFCL após a extinção do Instituto de Educação e que em 1941 teria sido nomeado para a disciplina de antropologia. Da citação à ELSP, temos poucas informações também. Apenas que no mesmo ano em que teria iniciado a carreira na antropologia da FFCL teria sido convidado para lecionar na ELSP. E esta aparece como um pretexto para elogiar Pierson, diretor da instituição e que “deixou a impressão mais profunda e duradoura” (Willems, 1983, p. 7) dentre todos os cientistas sociais estrangeiros que estiveram na cidade. Além disso, teria sido Pierson que teria posto Willems em contato com a bibliografia norte-americana. Para o alemão, o papel que teve nas faculdades aparece mais pelo aprendizado “durante aqueles anos de grande fermentação intelectual na Faculdade de Filosofia e na Escola de Sociologia e Política” (Willems, 1983, p. 7) em que teria aprendido mais do que em todos os seus cursos universitários

Um dos projetos principais que Willems apontou em sua passagem pelo Brasil foi a criação da Revista Sociologia. Nesse aspecto, tanto Antenor Romano Barreto, seu parceiro de fundação da revista, como Pierson e Baldus, cuja colaboração foi fundamental para o periódico, são os nomes de destaque. Outro nome que recebeu elogios de Willems foi o próprio destinatário da autobiografia. Oracy

Nogueira é citado com sua “direção competente” (Willems, 1983, p. 7) a frente da Revista Sociologia após Willems se transferir para os EUA e a revista ficar a cargo da ELSP.

A figura do professor Willems foi tratada na bibliografia diversas vezes devido ao caráter empírico que imprimiu em suas pesquisas e por ter formado uma geração de pesquisadores brasileiros. Nesse sentido, Willems reforça esse dado ao apresentar os pesquisadores que o acompanharam em suas pesquisas de campo. Ao destacar o estudo de comunidade em Cunha, destaca que foi acompanhado por “Gioconda Mussolini, Florestan Fernandes, Alceu Maynard de Araujo, Carlos Borges Schmidt e Paulo Florençano, colaboradores dedicados e inteligentes, alguns dos quais, anos depois, vieram a ocupar lugares de grande distinção nas ciências sociais” (Willems, 1983, p. 8).

Do seu período nos EUA, Willems é omissos a qualquer nome. São apenas seus projetos e as instituições nas quais fez parte para desenvolver as pesquisas dos livros *Followers of the new Faith* (1961); *Latin American Culture* (1975) e *A way of life and Death* (1986) que estava em vias de ser publicado enquanto escrevia a autobiografia.

Nesse texto o professor nos fornece um breve vislumbre sobre suas relações familiares. Sobre sua família, Willems destaca que:

Em janeiro de 1932 casei-me com a namorada dos meus dias de colégio. Foi o início de um matrimônio muito feliz que nunca deixou de ser uma fonte de apoio moral e contentamento emocional. Além de cumprir, com dedicação modelar, as obrigações de família, ela me assistiu, por muitos anos, na preparação de meus manuscritos (Willems, 1983, pp. 5-6)

Interessante destacar aqui a forma como Willems escreve sobre sua esposa. Ao mesmo tempo em que aparece como a namorada do colégio, não possui um nome próprio. Ela faz a ponte entre o tempo da juventude de Willems na Alemanha para os seus anos brasileiros no sul do país. Ela aparece e desaparece do texto de forma abrupta. Aparece com uma dupla função de contribuir com as obrigações de família e de auxílio aos manuscritos de Willems. A falta de um nome próprio da esposa de Willems no texto parece ter chamado a atenção de Oracy Nogueira. Em carta de 12 de setembro de 1983 Nogueira chega a perguntar o nome de solteira de Hilda para inserir em seu trabalho.

Esse texto autobiográfico de 1983 foi uma das principais fontes para o trabalho de Gláucia Villas Boas (2000 & 2006) para lembrar a passagem de Willems no Brasil e ressaltar a importância do pesquisador para a recepção de uma sociologia alemã no Brasil. O “texto autobiográfico inédito” que consta nas notas do artigo publicado em 2000 é precisamente esse documento que hoje se encontra no arquivo da FIOCRUZ.

Villas Boas destaca o tom “discreto e reservado” (2000, p. 173) e “correto e seco” (2000, p. 174) de Willems em sua autobiografia, em que o autor “não menciona um nome sequer que não seja de sociólogos ou antropólogos conhecidos de seus círculos de formação ou profissionais” (2000, p. 173). Talvez a única exceção seja o nome de seu amigo Guilherme Renaux. A falta de informações sobre a sua família é um fato não só abordado por Villas Boas, como comprovado na escrita de seu texto. A pesquisadora, ao constatar o tom reservado de Willems, nota a falta do nome não só de Hilda, mas de seus 2 filhos. (2006, p. 85). No entanto, Willems e Hilda tiveram três filhos.

O depoimento de 1985: Mariza Corrêa e o projeto História da Antropologia Brasileira

Em 1984, Oracy Nogueira, ainda com esperanças de que a versão de seus livros sobre Willems e Pierson fossem publicadas pela Editora Ática, escreveu em carta para Willems que estivera dando um depoimento na Universidade Estadual de Campinas e que uma professora demonstrou “grande expectativa” pelos livros, tendo inclusive telefonado para a editora (Nogueira. 1984). Em trabalho anterior (autor, ano) sugeri que essa pesquisadora que teria entrado em contato com Oracy Nogueira e com a Editora teria sido Mariza Corrêa. Assumindo o Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB), a pesquisadora teria entrado em contato com Willems e Pierson no período, resultando na publicação do livro *História da Antropologia no Brasil (1930 – 1960) Testemunhos: Emilio Willems e Donald Pierson* (1987). Ao analisar o fundo de Corrêa no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/Unicamp), posso afirmar que a pesquisadora a que Nogueira se refere foi de fato Mariza Corrêa.

Em 9 de junho de 1985, em papel com o logotipo oficial da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mariza Corrêa escreveu uma carta de duas páginas para Willems (Corrêa. 1985a). Nela, Corrêa apresenta a si e ao projeto de pesquisa que vinha realizando sobre a história da antropologia no Brasil – menciona, inclusive que já tinha entrevistado Nogueira entre outros. Apesar da pesquisadora afirmar que pretendia um financiamento para ir aos EUA “onde vivem vários pesquisadores que foram importantes em nossa história em determinado momento” (Corrêa. 1985a), se adianta com um pedido para que Willems escrevesse um depoimento sobre a sua estada no Brasil. Além disso, Corrêa propõe que Willems realizasse um panorama da antropologia na América Latina a partir da experiência internacional do professor. Escreveu Corrêa:

Em seu caso, como o senhor esteve também no Chile, seria interessante que nos ajudasse a estabelecer as conexões entre uma história nacional e uma história continental da Antropologia: acredito que havia interesses teóricos e metodológicos comuns, além das relações pessoais e profissionais entre alguns dos pesquisadores da sua geração que trabalharam na América Latina, na área das ciências sociais. (Corrêa. 1985a)

Interessante a escolha de Corrêa em ressaltar as conexões latino-americanas do professor. Em nenhum momento a pesquisadora cita para Willems realizar um contraponto da sua experiência brasileira com seu passado alemão ou sua carreira na academia norte-americana. Além dessa solicitação, Corrêa estava interessada também em receber fotografias do período e sugere uma entrevista no futuro, ou seja, esse contato inicial era apenas a primeira etapa no projeto da professora para pesquisar a figura de Willems na história da antropologia brasileira, já que ao entrevistar os professores que estavam no Brasil gravava os depoimentos em áudio e vídeo, além de estar montando um acervo fotográfico para o projeto.

Menos de vinte dias depois, em 26 de junho, Willems responde a carta de Corrêa (Willems, 1985a) assegurando a sua cooperação e aproveita para lamentar que a coletânea organizada por Oracy Nogueira ainda não tivesse sido publicada, “pois nesse volume, a senhora encontraria algum material

aproveitável” (Willems, 1985a). Diferentemente de sua correspondência com seu ex-aluno, com quem Willems já tinha intimidade, ele inicia todas as suas cartas com Mariza Corrêa com um “Prezada Professora” e finaliza com um “mui cordialmente”.

Sobre o interesse de Corrêa sobre a experiência do professor no Chile, Willems parece não ter muito o que comentar a respeito. Para o professor, as aulas no país teriam produzido “poucos resultados”, mas a experiência teria sido positiva para a pesquisa de seu estudo sobre o protestantismo. Seria na Colômbia que o professor teria tido mais receptividade para lecionar.

Corrêa não cita o tempo em que Willems viveu na Colômbia, e talvez nem soubesse dessa etapa de pesquisa do professor. Mas Willems escreve sobre o país e sugere que Corrêa escreva para Virginia Gutierrez Pineda (1921-1999), professora titular de antropologia da Universidade Nacional da Colômbia, para informações sobre a história da antropologia daquele país.

Willems também fornece o endereço de Paulo Camilher Florençano (1913 – 1988) que o acompanhou em algumas viagens como fotógrafo e inclui 4 fotos. Além disso, sugeriu que Corrêa procurasse Carlos Borges Schmidt (1908 – 1980) que teve “papel importantíssimo” no “desenvolvimento do estudo da cultura rural do Brasil” (Willems, 1985b). Corrêa parece ter ficado particularmente interessada por uma das fotos em que duas mulheres apareciam. Primeiramente, por ser difícil entrevistar antropólogas do período já que “várias delas ou faleceram ou mudaram sua área de interesse” (Corrêa, 1985b). E pergunta para o professor: “o senhor poderia me informar quem é Francisca Clourza?” (Corrêa, 1985b). Além disso, Corrêa apresenta que estava tendo dificuldades em conseguir material fotográfico da época, e escreveu para Camiller para tentar obter algum material extra e reforça que Willems escreva sobre as experiências no Chile e Colômbia.

Willems não chegou a ler essa carta antes de enviar seu depoimento. Em 31 de julho, o professor escreveu uma nova carta em que afirmava que a carta de Corrêa “se cruzou com o [s]eu relatório” já enviado (Willems, 1985c). Nela, Willems indiretamente confirma a dificuldade que Corrêa vinha tendo com a pesquisa de mulheres na história da antropologia: Francisca Clouza que tinha sido aluna de na USP teria se tornado funcionária de um departamento federal de estatística que Willems não sabia precisar qual.

Como não tinha recebido a carta em que Corrêa reforçava o pedido da escrita da experiência em outros países latino-americanos, essa carta de Willems oferece muito mais elementos sobre esse período de sua carreira do que o depoimento publicado. E a lembrança de Willems nesse relato não é muito positiva:

25 anos passaram desde que fui professor visitante no Chile e na Columbia [sic], de modo que o meu juízo pode ser obsoleto e possivelmente injusto quanto à situação atual. Lecionei na Universidade Católica e na Universidade do Chile. Na Católica a maioria dos poucos alunos inscritos nos meus cursos, abandonou-os logo que descobriram que eu não lecionava arqueologia (a área preferida dos diletantes!) O departamento de Sociologia não funcionava, pois o diretor brilhava pela ausência contínua. O Instituto de Antropologia da Universidade do Chile era dirigido por outro professor cronicamente ausente. Eu tinha um pequeno grupo de estudantes bastante assíduos e inteligentes, mas eram quase todos homens já formados e empregados em repartições públicas. Aliás, a biblioteca da Universidade era muito pobre e incrivelmente desorganizada. A única enti-

dade capaz de realizar pesquisas era o instituto financiado pela UNESCO. Não havia intercâmbio com outros países da América Latina (Willems, 1985c, p. 2)

Como veremos adiante, muito do que o professor escreveu neste trecho da carta a pedido de Corrêa sobre seu período no Chile e na Colômbia podem ser encontrados no terceiro texto autobiográfico de Willems.

Em 1987 o “depoimento” de Willems é publicado como um anexo do livro *História da Antropologia no Brasil (1930 – 1960) Testemunhos: Emilio Willems e Donald Pierson* (1987). Esse livro seria o primeiro volume de uma série e apresentaria depoimentos “cujo testemunho contribui para traçar o perfil da Antropologia e sua contribuição enquanto disciplina no Brasil nos últimos cinquenta anos” (Corrêa, 1987, p. 7). Mais de 25 anos depois, Corrêa (2013) re-publica os textos do livro com novos capítulos e depoimentos. Do testemunho de Willems, a única mudança é que a foto apresentada no início do relato também apresenta um Willems envelhecido em alguns anos. Na foto do livro de 1987 ainda possuía um vestígio de cabelo.

O texto enviado para Corrêa tem muito em comum com o produzido dois anos antes para Oracy Nogueira. Grande parte do texto é *ipsis litteris* ao que havia sido enviado anteriormente, o que torna as mudanças presentes no texto ainda mais significativas. No relato produzido a pedido de Mariza Corrêa, de saída chama a atenção a forma sucinta utilizada no texto que possui menos do que 5 páginas (6 na formatação de 2013) mais a listagem bibliográfica do professor. Como bem apontado por Ramassote, o contraste das “lacônicas e descarnadas informações” (2017, p. 315) do texto de Willems com as quase 100 páginas publicadas por Donald Pierson chama a atenção. Talvez por ter sido um pedido de relato feito por uma professora que Willems não conhecia; talvez por estar aguardando a publicação da autobiografia enviada para Oracy Nogueira; ou pela perspectiva apresentada por Mariza Corrêa de que pretendia ir aos EUA para entrevistá-lo posteriormente, o tamanho reduzido do relato do professor pode ser justificado. O próprio título que Corrêa atribui ao texto publicado já indica o foco, trata-se de um “depoimento” de Emilio Willems sobre “os dezoito anos no Brasil” e o “resumo das atividades didáticas e científicas”. Dessa forma, com o foco no Brasil, o relato se inicia em 1931 com a chegada do professor a Brusque/SC. Nenhuma alusão ao seu período na Alemanha consta no texto a não ser o anseio de “escapar à crise econômica e iminente catástrofe política que viria abalar a Alemanha” (2013, p. 319), e ao fato de que possuía licenciatura em ciências econômicas e era doutor em filosofia pela universidade de Berlim e que esta formação teria lhe dado apenas “ideias livrescas” (2013, p. 319) mas não métodos e práticas em pesquisa de campo.

Como não fornece no texto de 1985 nenhum background sobre seu passado na Alemanha, Willems inicia o texto se contrapondo com a figura de outros professores que estiveram no Brasil no período, “não como ‘professor estrangeiro contratado’, mas como imigrante” (2013, p. 319). Esse trecho, apresenta um paralelo com o prefácio escrito pelo pesquisador para o livro *Latin American Culture* (1975). Nele, Willems também reforça que não veio ao Brasil como “a visiting scholar, but as na immigrant” (1975, p. xi).

Outro ponto de alteração importante é a citação de dois nomes na troca de correspondências entre Corrêa e Willems que parece fundamental para compreendermos algumas mudanças que ocorreram entre o texto de 1983 e esse de 1985. Francisca Klovrrza (e não Clourza como escrito nas cor-

respondências) e Carlos Borges Schmidt – são particularmente relevantes pois são dois dos nomes que sofreram alterações entre o texto enviado para Nogueira e o texto enviado para Corrêa. Ao citar os nomes que realizaram o trabalho de campo em Cunha, uma nova personagem aparece nesse texto que não constava anos antes. Agora, soma-se Francisca Klovrza. A ex-aluna que aparecia em fotografia enviada para Corrêa e que foi o foco de uma pergunta específica da pesquisadora. Apesar de Willems não ter recebido a carta em que Mariza Corrêa pergunta especificamente por Klovrza antes de elaborar o seu depoimento, o fato de ter manuseado a fotografia para enviar e possivelmente até a escrita ou leitura no verso da foto do nome dos retratados parece ter refrescado a memória de Willems a ponto de agora o professor incluí-la em seus textos autobiográficos. Se considerarmos o prefácio do livro *Cunha* (Willems, 1948), vemos que o nome de Klovrza aparece assim como os outros citados anteriormente. No entanto, ainda falta um nome que desaparece e não torna a ser incluído em nenhum texto autobiográfico, o de Myrtes Nogueira.

Os nomes citados em suas viagens para o litoral paulista e que foram a base para a publicação do livro *Buzios Island* (Willems, 1951) também mudam. No texto de 1983 o foco era a colaboração de Gioconda Mussolini e “o papel de destaque que Carlos Borges Schmidt desempenhou em muitas dessas viagens.” Segundo Willems, Schmidt é descrito como um “ótimo amigo, apaixonado pelas tradições culturais do Brasil rural e fotógrafo competente” (Willems, 1983a, p. 8) e que “transformava, com a sua presença, mesmo as viagens mais estafantes em excursões agradabilíssimas” (Willems, 1983a, p. 9). No texto de 1985 enviado para Corrêa, no entanto, toda a caracterização do amigo Schmidt é suprimida. Seu nome aparece apenas uma vez como sendo um dos “colaboradores dedicados e inteligentes” que o acompanharam em Cunha. Ao invés de Schmidt, os nomes de Oscar Resende de Lima (1922 – 2011) e Iris Koehler (1923 -) da ELSP são citados explicitamente nessa versão conjuntamente com a informação de que a pesquisa foi subvencionada pela instituição. Na versão anterior, apenas existia a referência a “dois estudantes avançados” (Willems, 1983a). Nesse caso, é patente a distinção que Willems faz de Schmidt. Um fato que talvez justifique essa supressão do nome do amigo do texto final do depoimento pode ser o fato que os elogios ao ex-companheiro já estavam presentes na carta enviada a Corrêa. Talvez Willems tenha achado que as elogiosas menções já eram suficientes para colocar Corrêa a par e não as repetiu no depoimento enviado. Pelo menos até aquele momento, nada indicava que Corrêa pretendia publicar o texto na íntegra e se fosse apenas para uso interno da pesquisadora as citações na correspondência já estariam de bom tamanho.

Outro ponto importante que pode ser depurado a partir da leitura desse texto é a citação às referências teóricas que o professor faz. O único nome apresentado nesse sentido no texto, e que também aparece no texto de 1983, é o de Robert Redfield (1898 – 1958) e seus trabalhos na Península de Yucatã no México que forneceram as bases para o estudo de comunidade de Cunha. Nem uma referência sobre seus professores alemães e nem de outros intelectuais estrangeiros é feita diretamente. Apenas uma menção aos trabalhos sobre contatos culturais desenvolvidos nos EUA e ao “famoso memorando sobre aculturação” (2013, p. 320) sem citar os autores Linton (1893-1953), Herskovits (1895-1963) e Redfield. Os ensaístas brasileiros citados no texto de 1983 desaparecem. Essa ausência de referências teóricas nesse texto é particularmente importante devido a uma colocação que Willems escreve em carta para Corrêa. Segundo Willems,

O que havia era transferência unilateral de teorias e métodos antropológicos de diversos países da Europa e dos Estados Unidos para o Brasil e outros países da América Latina. Como a senhora sabe, até 1950, mais ou menos, a história da antropologia era essencialmente a história de tais transferências. (Willems, 1985c, p. 2)

Assim como no texto de 1983, esse depoimento é relato na vida pessoal de Willems. A única menção a seus familiares é feita para descrever o período que o professor classificou como o “período mais difícil de sua vida profissional” (2013, p. 320) em que teve que se desdobrar entre 1936 e 1941 entre o magistério secundário e a carreira universitária devido as suas “responsabilidades de prover as necessidades de [sua] família”.(2013, p. 320). A omissão da família, pelo menos aparecem profissionais com os quais Willems desenvolveu uma relação de amizade, sendo assim caracterizados Donald Pierson, Fernando de Azevedo, Herbert Baldus.

Se o depoimento de Willems escrito para Mariza Corrêa é lacunar sobre o seu passado alemão, o mesmo acontece sobre a sua imigração para os EUA. De fato, a forma como Willems constrói o texto parece abrir a questão sobre o porquê decidiu deixar o Brasil para a especulação do leitor. Ao escrever “não quero mencionar aqui as várias causas que determinaram a minha transmigração para os Estados Unidos” (1987, p. 121; 2013, p. 323), frase que não consta nos escritos anteriores, o professor cria no leitor a impressão de que essa imigração se deu por motivos difíceis e insatisfações, guardados possivelmente por magoas e rancores do seu período brasileiro. Uma dessas especulações, por exemplo, é a de que a recepção de seu Estudo de Comunidade em Cunha teria ficado aquém de suas expectativas. Como apontou Jackson (2009), Willems teria se sentido traído pela crítica que a obra recebeu, principalmente vinda de alguns de seus ex-assistentes “fato que pode estar implícito na passagem [...] de um curto depoimento que forneceu a pedido de Marisa Corrêa” (Jackson, 2009, p. 185). Ao mesmo tempo, os mesmos ex-assistentes que teriam criticado os Estudos de Comunidade, como Gioconda Mussolini e Florestan Fernandes, aparecem nos dois textos autobiográficos de Willems, como vimos, sendo elogiados como figuras que se tornariam proeminentes nas ciências sociais brasileiras.

O fato é que dessa frase enigmática de Willems sobre não querer entrar em detalhes sobre sua ida aos EUA temos apenas uma pista: foram vários os motivos que o levaram a se mudar. Nesse texto, assim como no de 1983, Willems parece se apoiar no fato de que nos EUA poderia mobilizar recursos para levar a cabo as pesquisas no Brasil e a Universidade de Vanderbilt seria perfeita para isso. E segue sua narrativa listando os seus dois projetos que foram realizados no período em que lecionava nos EUA mas que tiveram a América Latina como campo de estudos: a pesquisa sobre o protestantismo que resultou o livro *Followers of the new Faith* (Willems, 1961) e livro *Latin American Culture* (Willems, 1975).

E é assim, abruptamente, que o depoimento se encerra para ser seguido pela lista bibliográfica elaborada pelo professor tal qual a demandada por Oracy Nogueira anos antes. A única alteração é a substituição da palavra “opúsculos” da lista de 1983 para “Panfletos” em 1985 e a atualização dos dois livros sobre o militarismo alemão publicados posteriormente. Livros sobre o Militarismo alemão, aliás, que aparecem no último parágrafo do texto de 1983 como um projeto após a aposentadoria que o

permitiria iniciar um algo “completamente novo” (Willems, 1983, p. 10). No texto de 1985, nenhuma palavra sobre sua aposentadoria e nem sobre suas pesquisas posteriores a 1975.

Outro pesquisador que apontou o caráter lacunar do texto de Willems foi Castro Faria (1993). Para ele, Willems “é deliberadamente omissivo no seu depoimento” (Castro Faria, 1993, p. 242). Segundo o antropólogo fluminense, “além do rol dos seus trabalhos e de informações sobre o seu percurso no Brasil, nada oferece em termos de questionamento de problemas de natureza relacional, seja com a academia como instituição, seja com os seus pares, no campo da produção intelectual.” (Castro Faria, 1993, p. 242)

Um fato importante sobre esse depoimento é que, apesar de ter sido o segundo a ser elaborado por Willems, foi o único que foi publicado na íntegra e, por muitos anos, foi a partir dele que a figura de Willems foi reconstituída no país a partir da década de 1980. Foram as frases lacunares, e esse breve resumo sobre suas atividades no Brasil que por mais de uma década foi o único material disponível sobre sua trajetória. Foi somente a partir das publicações apresentadas anteriormente de Gláucia Villas Boas nos anos 2000 que o leitor brasileiro teve conhecimento mediado pela professora sobre a autobiografia de 1983 e pode entrar em contato com mais aspectos sobre sua carreira, principalmente sobre sua infância e juventude na Alemanha.

A autobiografia familiar de 1993: *My Life in Three Worlds*

Por fim, temos uma autobiografia escrita por Willems em 1993 e que até recentemente era desconhecida. Ao realizar pesquisa de mestrado (Autor, ano), consegui localizar o filho mais novo de Willems que gentilmente me enviou uma brochura do livro que o seu pai tinha escrito para a família: *My Life in Three Worlds*. Essa autobiografia é a que mais se diferencia dentre os três. São 10 anos de diferença que separam esse terceiro projeto do primeiro, o enfoque principal deixa de ser apresentar para pesquisadores brasileiros a importância que teve para a constituição das ciências sociais brasileiras e passa a ser uma herança familiar; as poucas páginas dos trabalhos anteriores são nesse livro mais de sessenta; e o idioma passa do português para o inglês.

O livro, como o próprio título indica, é separado em três partes principais, além do breve prefácio e da recorrente listagem bibliográfica do professor, cada qual dando conta da vida do professor em cada um dos três países em que viveu mais delongadamente: Alemanha (1905-1931); Brasil (1931-1949), Estados Unidos (1949 – “to present”).

O livro é composto por 68 páginas com colunas duplas e é dividido entre 13 páginas sobre seu período na Alemanha (1993, pp. 1-12), 17 páginas sobre o período brasileiro (Willems, 1993, pp. 13-30) e 30 páginas sobre o período nos EUA (1993, pp. 31-61). Da página 61 a 68, Willems segue o mesmo padrão de seus textos autobiográficos anteriores: uma listagem de seus trabalhos publicados. Se metade da primeira autobiografia foi dedicada à Alemanha e quase toda a segunda foi sobre seu período no Brasil, nesse terceiro texto temos mais da metade da narrativa concentrada no período em que viveu nos EUA.

No pequeno prefácio de pouco mais de 20 linhas, Willems direciona a escrita do livro para que seja lida por sua família no futuro. Segundo o professor, que naquele momento estava com 88 anos, a ideia de escrever a sua autobiografia teria partido do pressuposto de que em algum momento no futuro seus filhos, netos e bisnetos poderiam desenvolver interesse pela história da família (Willems, 1993, p.

i). Para Willems, esse interesse parece ter sido despertado tardiamente. Foi só anos antes, com a iniciativa de um primo de segundo grau em pesquisar a história da família que Emilio Willems resolveu escrever sobre sua própria vida. Afinal, para o professor, as suas duas migrações e as profundas mudanças em sua vida pessoal poderiam despertar o interesse e a curiosidade dos leitores. E é ressaltando as viagens e mudanças em sua vida que Willems constrói seu texto.

Apesar de ser descrita como um texto para dar conta de retomar a história familiar, a escolha por apresentar uma listagem bibliográfica parece indicar que para o professor, sua produção acadêmica não pode ser separada de sua trajetória. Ora, levando-se em conta que essa autobiografia tem um caráter familiar, o fato de Willems optar por ressaltar a sua relação com sua esposa, irmãos e filhos ao invés de enumerar influências teóricas é plenamente compreensível. O que torna essa escolha intrigante é o fato de que, mesmo sendo considerada pelo autor como um texto para sua família, ela não se furta a apresentar nomes que influenciaram sua carreira acadêmica. De fato, o curioso é Willems apresentando para sua família uma listagem bibliográfica de sua carreira. Como veremos a seguir, o professor não só omite nomes, mas apresenta novos.

Em trabalho anterior (autor, ano), por exemplo, apontei como a influência dada pelo professor ao período em que esteve na França em 1928 e o papel de Marcel Mauss em sua trajetória acadêmica varia ao longo do tempo. Mas não foi apenas Mauss que teve seu nome suprimido nesse texto de 1993 em comparação ao de 1983. Além da supressão do nome de Mauss, os nomes de Sombart e Herken também são retirados do texto. Sombart foi um dos professores alemães que “gozou de uma enorme fama em princípios do século XX, mas a sua estrela acadêmica veio depois a afundar-se algures entre o esquecimento e a infâmia” (Graça, 2022, p. 272). Henrique Herkner é outro nome que parece ter tido sua importância diminuída ao longo do século, não por suas escolhas políticas, mas por motivos outros. Quais seriam os motivos para Willems suprimir o nome de um dos mais reconhecidos e iminentes antropólogos franceses e ao mesmo tempo suprimir o nome de dois sociólogos alemães cuja influência decaiu ao longo do século? Será um esquecimento do professor ou uma atitude deliberada de tentar se distanciar desses nomes?

A ausência de Marcell Mauss em seu período na França fica ainda mais latente quando cita o nome de Durkheim. Nessa autobiografia, Willems descreve um “processo de aprendizagem de muitas coisas que meus professores na Universidade de Berlim falharam” (1993, p. 27) quando chegou em São Paulo e o primeiro desses aprendizados foi o trabalho de Durkheim e seus seguidores que teriam “expandido os seus horizontes intelectuais” (1993, p.7). Ou seja, foi no período em que esteve nas instituições de ensino paulistas que Willems teria se deparado com os ensinamentos das ciências sociais francesas pela primeira vez. Uma rápida olhada nos dois dicionários produzidos por Willems em seu período em que esteve no Brasil mostram como no *Dicionário de Etnografia e Sociologia* (Baldu & Willems, 1939) não consta o nome de Mauss e o *Dicionário de Sociologia* (Willems, 1951) apresenta um verbete do antropólogo francês. Carlos Steil (1997) apresenta como os trabalhos de Mauss, devido a sua fragmentação e incompletude, só tiveram maior repercussão na França e Inglaterra, tendo sido introduzidos no Brasil a partir da década de 1970 em que os escritos de seu eminente ex-aluno Lévi-Strauss (1908-2009) foram traduzidos para o português.

No texto de 1993 podemos encontrar também uma caracterização mais clara de como o professor se lembrava das instituições de ensino universitário de São Paulo. Para lecionar antropologia na USP,

Willems revela que não estava preparado para assumir tal função. Seus conhecimentos de antropologia cultural decorriam do aprendizado que tivera ao longo dos anos com Baldus e de antropologia física não sabia praticamente nada. Mas por entender que era apenas um curso introdutório, estudou toda a bibliografia internacional disponível no assunto. Já a ELSP é descrita pelas dificuldades financeiras da instituição. O que não deixa de ser curioso, uma vez que foi essa a instituição que financiou a maioria dos trabalhos de campo do pesquisador. Novamente nesse texto, são os nomes de Fernando de Azevedo na USP e de Donald Pierson na ELSP que merecem mais comentários positivos do que as instituições em si.

Para quem já leu os dois outros textos de Willems, a forma como o professor deixa de citar seus colaboradores nas pesquisas de campo chama a atenção. Vimos que nos dois primeiros textos, apesar do acréscimo ou subtração de nomes que o acompanharam em pesquisas do interior e litoral paulista, uma série de nomes importantes para as ciências sociais brasileiras são citadas. No texto de 1993 são todos subtraídos. Apesar de se deter de forma muito mais minuciosa do que anteriormente a sua viagem para Cunha, a menção aos seus colaboradores aparece apenas como “of three research assistentes, all students of mine.” (Willems, 1993, p. 28). O mesmo ocorre ao discorrer sobre a pesquisa de Búzios. Isso pareceria uma escolha lógica devido a suas novas motivações para escrever esse texto. No entanto, nesse texto é a primeira vez que Willems cita o professor Roldão Lopes Barros, professor de filosofia educacional da USP da qual Willems foi assistente antes de se transferir em 1939 para a assistência da cadeira de sociologia educacional de Fernando Azevedo. Por algum motivo, Willems considerou que a descrição de seu ex-professor, um “cavalheiro gentil e idoso” (Willems, 1993, p. 24), mas que possuía uma forte variação de humor e cujos gritos podiam ser ouvidos em todo o prédio de forma abusiva com seus alunos era um bom adendo as descrições de sua trajetória como professor da USP.

A ida do professor aos EUA também é apresentada com novos contornos e personagens nesse texto. Aqui, é o convite de T. Lynn Smith (1903-1976) que foi o responsável pelo interesse de Willems em lecionar em Nashville. O fator do salário oferecido nos EUA em comparação com o que recebia em São Paulo também é levantado por Willems. A inflação piorando no Brasil não permitia que o professor se sentisse confortável para manter sua família com salário das duas instituições de ensino brasileiras. E mais uma vez recupera o argumento de que uma vez em Vanderbilt, poderia obter fundos e meios de realizar suas pesquisas com maiores facilidades. No entanto, o professor parece desejar expressar que a sua imigração não foi um projeto sonhado. Segundo Willems, eles estavam bem integrados no Brasil e quase todos os seus amigos eram brasileiros, e a família se expressava em português.

Outro aspecto importante da vida de Willems que passou sem maiores reflexões em seus outros textos foi o retorno do pesquisador a Europa a partir dos anos de 1950. Ao longo do período em que foi professor de Vanderbilt, Willems realizou pesquisas e lecionou aulas não só em universidades norte-americanas como Michigan e Berkley, mas esteve em diversos países europeus. Ao observarmos a produção bibliográfica do pesquisador, fica evidente como esse período como professor visitante em instituições na América e Europa se cristalizam em seus textos. São publicações em revistas dos países nos quais ele esteve. Da Alemanha, além do reencontro com sua família cita o nome do sociólogo René König (1906-1992), que além de convidar Willems pare escrever verbetes para uma enciclopédia (König, 1958) prefaciou o

livro sobre o militarismo alemão (König, 1986). A passagem de Willems de volta a Alemanha nos anos de 1950 parece ter sido tão produtiva que lhe foi oferecido um cargo para lecionar em Colônia.

Se a recuperação de sua passagem por instituições latino-americanas não apareceu nos textos da década de 1980 mesmo com o pedido de Mariza Corrêa, em 1993 Willems descreve tanto o período em que lecionou no Chile como na Colômbia. O projeto que desenvolveu sobre o crescimento do protestantismo no Brasil e no Chile aparece com bastante ênfase. São quase quatro páginas em que as viagens de pesquisa são minuciosamente narradas, incluídas as impressões que havia enviado para Mariza Corrêa quase dez anos antes. Sobre a Colômbia, o professor também descreve com maiores detalhes. Foi a partir do nome de Eduardo Fals Borda (1925-2008) que o convidou quando se encontrara por acaso em um avião enquanto retornava da Alemanha para a América.

Após o falecimento de Willems em 1997, Lüschen publicou um necrólogo na *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie* (Lüschen, 1997), revista na qual Willems foi um assíduo colaborador. Nesse texto, o autor destaca duas vezes uma autobiografia de Willems. Em trabalho anterior (autor, ano) indiquei que essa autobiografia deveria ser a de 1993, mas não desenvolvi o porquê. De fato, essa autobiografia de 1993 é tão distinta das demais que, mesmo sem citar a qual autobiografia o autor alemão se refere, as balizas apresentadas são exclusivas do texto de 1993. A começar por ser esse texto o único escrito por Willems em que ele justifica sua migração para o Brasil não apenas pela situação política e econômica da Alemanha com a ascensão do nazismo, mas acrescenta a essa decisão um caráter pessoal: é a impossibilidade de, sendo filho de uma família católica tradicional, de se casar com uma mulher de família protestante. Fato esse que Lüschen cita em seu necrólogo. Outro ponto destacado nesse necrólogo foi a descrição das “salas de aula estavam extremamente superlotadas e que ele mal conseguia ver seu professor” (Lüschen, 1997, p. 206. Trad. minha) nas universidades alemãs, fato esse que só estavam descritos na autobiografia de 1983 e na de 1993. Além disso, a indicação de Lüschen de que a autobiografia tinha sido escrita apenas alguns anos antes e deva uma sensação de que poderia indicar que era o texto mais recente a que ele se referia. Um paralelo interessante pode ser visto entre como Lüschen e Villas Boas descrevem as autobiografias que analisaram. Se Villas Boas destaca que “o tom correto e seco impressiona o leitor, dando-lhe a sensação de que Willems quer lhe transmitir um sentimento de dever cumprido como bom filho que é das classes médias educadas da Alemanha do início do século” (Villas Boas, 2000, p. 174), o texto de Lüschen vê o mesmo sentimento de dever cumprido, mas com um toque pessoal: “A sua obra e a sua autobiografia, escrita há alguns anos, dão a impressão de uma vida pessoal e profissionalmente realizada, na qual, segundo o seu próprio testemunho, a sua esposa Hilda desempenhou um papel importante.” (Lüschen, 1997, p. 207. Trad. minha), ou seja, se quase nada foi dito nos trabalhos anteriores sobre Hilda, agora era peça fundamental.

A figura de Hilda é central nesse texto. Sua força narrativa é tão forte, que é introduzida como o evento de maior influência até aquele momento de sua vida e usado para interromper com a narrativa “entediante” do livro. “Antes de continuar com este relato entediante, gostaria de dizer algo sobre um evento que teve maior influência na minha vida do que qualquer outra coisa que relatei até agora. Foi em 1922 que comecei a namorar Hilda” (Willems, 1993, p. 9. Trad. minha)

A infância na Alemanha ganha novos personagens. Seus avós, pais, irmão. Até o grande cão são bernardo merece as lembranças de Willems. E é precisamente com Hilda que Willems termina o seu terceiro e último texto autobiográfico:

Em fevereiro de 1992, comemoramos o 60º aniversário do nosso casamento. Casamentos duradouros são frequentemente explicados enfatizando que tais casais “trabalharam duro” para manter o casamento. Nunca senti que Hilda e eu tivéssemos que trabalhar duro, ou trabalhar de qualquer forma, para evitar que nosso casamento desmoronasse. O mero pensamento de uma separação ou divórcio sempre foi apavorante para mim. O fato de sermos duas pessoas muito diferentes nunca perturbou nosso amor um pelo outro. Espero que ainda tenhamos alguns anos para aproveitar a vida. (Willems, 1993, p. 61. Trad. minha)

Considerações finais

Ao observarmos os dois primeiros textos, percebe-se como, a partir da década de 1980, um interesse crescente sobre a história da disciplina levou a uma procura por figuras que pudessem contar uma história de um momento de institucionalização das ciências sociais nas universidades brasileiras, principalmente a instituições de ensino paulistas. E nesse sentido, ambos os projetos colocam Willems como uma das figuras centrais para a realização dessa história. Sendo como o segundo volume de uma publicação sobre “grandes cientistas sociais” sendo como um dos relatos publicados em livro sobre a história da antropologia no Brasil, o nome de Willems, sempre lado a lado com o de Donald Pierson, parece ter adquirido mais relevância para quem quer estudar o passado da disciplina.

Nos três textos autobiográficos escritos por Willems, um padrão de eventos narrados pode ser encontrado. São os eventos que Willems considerava fundamentais para relatar suas experiências tanto para pesquisadores brasileiros como para sua família. Sua imigração para Santa Catarina e estabelecimento no sul do país como imigrante, seus trabalhos sobre a aculturação alemã, sua ida para São Paulo, primeiro como professor secundário e depois assumindo cargo universitário, a fundação da *Revista Sociologia*, seus trabalhos de campo, particularmente os de Cunha e Búzios, e sua ida aos EUA permitindo que continuasse suas pesquisas sobre o Brasil e América Latina. Nesse sentido, o nome de alguns pesquisadores brasileiros está sempre presente. Fernando de Azevedo, Herbert Baldus e Donald Pierson, os três sempre elogiados por sua amizade e competência, Antenor Barreto, pelo projeto editorial e Redfield, pela influência intelectual do trabalho de Cunha. Além disso, a sua listagem bibliográfica é inseparável da forma como queria se apresentar.

No entanto, mesmo tendo esses eventos recorrentes, vemos que ao recuperar os contextos nos quais os relatos autobiográficos de Willems foram escritos a forma com que o professor se apresenta varia. Se o foco é a importância do professor nas ciências sociais brasileiras, como nos dois primeiros, a atuação a partir de sua ida aos EUA é secundária. Se é para dar conta de deixar um legado para a sua família, a ida aos EUA passa a ser um momento central. Vemos também como a importância de cada projeto do professor aparece. No último texto, Willems dedica muito mais espaço para descrever seu

trabalho e viagens ao Chile do que para descrever os seus dois estudos mais famosos do Brasil: Cunha e Búzios.

O papel de Willems nas instituições de ensino, apesar de serem sempre mencionadas, pouco trazem de informações sobre suas aulas. Willems chega a narrar aulas de colegas, mas não sabemos pelos seus textos autobiográficos nem que matérias eram ministradas pelo professor. Ele parece mais disposto a enfatizar os seus projetos de pesquisa empírica do que as disciplinas ministradas. Além disso, para quem está interessado no papel que Willems teve na antropologia da Universidade de São Paulo e está minimamente familiarizado com alguns marcos institucionais e nomes importantes da instituição, a ausência de Egon Schaden (1913 – 1991) chama a atenção. Schaden foi o primeiro aluno a se doutorar em antropologia na universidade paulista e contou com Willems como o orientador de sua tese. Além disso, Willems o escolheu em 1943 como o seu primeiro assistente da disciplina e Schaden foi o substituto de Willems a partir de sua imigração aos EUA. Ambos os professores continuaram se correspondendo pelo menos até 1963². Os únicos alunos que merecem menção em seus relatos foram aqueles que acompanharam Willems em seus trabalhos de campo.

Por fim, é curioso que uma figura que tantas vezes foi descrita como avesso a exposições de sua vida tenha escrito três textos autobiográficos. Parece que Willems tinha consciência da importância de seu papel na academia brasileira. Apesar de seus apenas dezoito anos vivendo por aqui, não deixou de pesquisar e publicar sobre o país. E o fato de ter escrito os dois primeiros textos para projetos de pesquisa brasileiros são sintomáticos. Se como aponta Mariza Corrêa, tanto ele como Pierson são figuras reconhecidas, mas não são conhecidas em detalhes, esses textos parecem ter aquilatado alguns desses desconhecimentos, mesmo com suas deliberadas omissões. Um dado que por si só chama a atenção é o fato de Willems ter escrito 3 textos autobiográficos. E apenas o mais curto e com omissões declaradas ter sido publicado. A “notoriedade retrospectiva” descrita por Mariza Corrêa (2003, p. 21), e o seu reverso são noções interessantes de se pensar ao abordarmos a forma como Willems escolheu narrar sua trajetória. Sendo Lévi-Strauss e Pierson dois exemplos claros de professores que se enquadram no primeiro caso, ambos sendo reconhecidos por seu trabalho em instituições nas quais Willems também lecionou, há também uma série de personagens que se enquadram no reverso, ou seja, personagens que tentam se “insurgir contra esse ‘fracasso’, de recuperar um tempo em que sua presença acadêmica teve importância” (Corrêa, 2003, p. 21). Willems não se enquadra em nenhum dos dois casos. Não teve um *renome* tão proeminente como Lévi-Strauss e, como vemos pela produção de muitos de seus relatos, aparece com o nome associado ao de Pierson ou como professor de alunos que se tornaram eminentes, como Florestan Fernandes. Mas também não foi um fracasso, sendo reconhecido por seu papel acadêmico no período em que esteve no Brasil como demonstrado pelo interesse de pesquisadores em suas memórias. Além disso, observando os nomes que vão sendo citados por Willems em seus três textos, percebe-se a importância que os “nomes secundários” (Corrêa, 2003, p. 21) na literatura tiveram na história da antropologia paulistana, sendo fundamental atentarmos para os nomes que aparecem em suas narrativas.

2 Segundo as correspondências do Acervo Egon Schaden do Centro de apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” da Universidade de São Paulo (CAPH/USP), a última carta trocada entre os professores foi em 03 de julho de 1963 quando Willems estava na lecionando na Universidade Nacional da Colômbia.

Ao compararmos os três textos, vemos como o contexto de produção destes são intrínsecos a forma de narrar suas memórias. A inclusão e exclusão de nomes, a deliberada omissão de fatos, os pedidos feitos pelos seus interlocutores, são alguns dos muitos fatores que permitem que o antropólogo conte e reconte sua vida. Uma análise sobre essas obras que não levasse em conta os contextos poderia cair em armadilhas. Teria Willems citado a “competente direção” de Oracy Nogueira caso não tivesse sido procurado por esse professor para escrever a biografia? E o nome de Francisca Klovrza que desaparece, mas é lembrado a partir de fotografia enviado para Mariza Corrêa? E os motivos que o teriam levado a imigrar para os EUA? seria a decepção com a crítica de seus estudos, ou a vergonha de não sentir que conseguia sustentar sua família no país, argumento financeiro esse presente em todos os três textos? Talvez uma junção desses e mais fatores que o professor não quis compartilhar publicamente.

Da mesma forma que Manica observou na trajetória do médico Coutinho “questões pertinentes para a compreensão de diversos processos, eventos, contextos e jogos de força” (2010, p. 71), vemos a partir da trajetória narrada por Willems como o professor deu sentido a suas atividades e compreendeu seu lugar social no campo antropológico brasileiro. Além disso, tal qual o personagem de Manica, o fato de narrar sua trajetória em mais de uma autobiografia “reitera a importância de considerar a abordagem biográfica como uma metodologia antropológica interessante” (Manica, 2010, pp.71-72). A partir dos relatos e omissões de um personagem central para o desenvolvimento da antropologia brasileira, e as interpretações que a bibliografia apontou a partir de cada um deles podemos refletir sobre a própria forma de se contar a história da antropologia no Brasil e como diversos marcos institucionais e personagens são abordados.

Felipe Neri Alves Pinto é Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e atualmente realiza o doutorado na mesma instituição.

FINANCIAMENTO

Bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo: 2022/13491-1, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

REFERÊNCIAS

- Alves Pinto, F. N. (2020). *Antropologia entre três mundos: Emilio Willems e a institucionalização da antropologia brasileira* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Institucional da Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1149221>
- Alves Pinto, F. N. (2024). *Emilio Willems*. Série Percursos. Publicações ABA.
- Baldus, H. & Willems, E. (1939). *Dicionário de etnologia e sociologia*. Companhia Editora Nacional,
- Bourdieu, P. (2006) A ilusão biográfica. In M. M. Ferreira, J. Amado, & A. Portelli (eds.). *Usos & abusos da história oral*. (pp. 183-191). Ed. da FGV.
- Cavalcanti, M.L.V. (1997). Fundo Oracy Nogueira: breve notícia de um capítulo das ciências sociais no Brasil (1940/1960). 26º Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, BA.
- Corrêa, M. (1985a). *Carta para Emilio Willems*. 09/06/1985. Fundo Mariza Corrêa. Caixa 64 – Mariza Corrêa – Egon Schaden – Carlos Rodrigues Brandão – Roberto Cardoso de Oliveira – Verena Stolcke. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp).
- Corrêa, M. (1985b). *Carta para Emilio Willems*. 15/07/1985. Fundo Mariza Corrêa. Caixa 64 – Mariza Corrêa – Egon Schaden – Carlos Rodrigues Brandão – Roberto Cardoso de Oliveira – Verena Stolcke. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp).
- Corrêa, M. (1987). *História da antropologia no Brasil: 1930-1960, testemunhos*. Editora Vértice & Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Corrêa, M. (2003). *Antropólogas e Antropologia*. Editora UFMG.
- Corrêa, M. (2013). *Traficantes do simbólico e outros ensaios sobre a história da antropologia*. Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Faria, L. de C. (1992). Egon Schaden (1913-1991). *Anuário Antropológico*, 16(1), 241–255. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6474>
- Graça, J. C.. (2022). Werner Sombart: um estrangeiro na tradição sociológica?. *Sociedade E Estado*, 37(1), 271–292. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237010012>
- Jackson, L. C. (2009). Uma defesa da comunidade. *Tempo Social*, 21(1), 183-185. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702009000100010>
- Kofes, S. (2001). *Uma trajetória em narrativas*. Mercado de Letras.
- König, R. (1958) *Soziologie*. Fischer Bücherei.

König, R. (1986) Foreword. In E. Willems. *A way of life and death: three centuries of Prussian-German Militarism -An Anthropological Approach*. (pp. vii–x). Vanderbilt University Press.

Lüschen, G. (1998) In memoriam Emilio Willems (18.8.1905 -19.11.1997). *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie* *Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, 50 (1), p. 206–207.

Manica, D. (2010). Autobiografia, trajetória e etnografia: notas para uma Antropologia da Ciência. *Revista Espaço Acadêmico*. 9 (105). Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9192>

Marras, S. (2003) Pessoa e instituição: entrevista com João Baptista Borges Pereira. (2003). *Revista De Antropologia*, 46(2), 319–345. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012003000200002>

Nogueira, O. (1983a). *Emilio Willems: antropologia e sociologia*. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ

Nogueira, O. (1983b). Carta para Emilio Willems. 04/01/1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.

Nogueira, O. (1983c). Carta para Emilio Willems. 21/02/1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.

Nogueira, O. (1983d). Carta para Emilio Willems. 12/07/1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.

Nogueira, O. (1984). Carta para Emilio Willems. 18/12/1984. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.

Nogueira, O. (1985). Vicente Unzer de Almeida: 1916-1984. *Revista de Antropologia*, 27/28, 451-452. <https://www.jstor.org/stable/41618591>

Ramassote, R. (2017). Cartografia do conhecimento antropológico: Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia, de Mariza Corrêa. *Revista De Antropologia*, 60(1), 309-316. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132079>

Steil, C. A. (1997). A recepção de Marcel Mauss no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, 3(7), 144-157. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831997000300009>

- Villas Bôas, G. (2000). De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville: a sociologia de Emílio Willems entre fronteiras. *Tempo Social*, 12 (2), 171-188. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702000000200012>
- Villas Bôas, G. (2006). *A Recepção da Sociologia Alemã no Brasil*. Topbooks.
- Willems, E. (1930) *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen*. Pilgram
- Willems, E. (1937). *Mobilidade e Flutuação das Profissões e O Problema Educacional no Brasil* [Tese de Concurso de Livre-Docência, Universidade de São Paulo].
- Willems, E. (1940). *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*, Companhia Editora Nacional.
- Willems, E. (1947). *Cunha: Tradição e Transição em uma cultura rural do Brasil*. Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo.
- Willems, E. (1948). Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Willems, E. (1950) *Dicionário de Sociologia*. Editora Globo.
- Willems, E. (1951). *Buzios Island. A caiçara Community in Southern Brazil*. J. J. Augustin Publisher.
- Willems, E. (1961). *Followers of the New Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Vanderbilt University Press.
- Willems, E. (1975). *Latin American Culture. An Anthropological Synthesis*. Harper & Row Publishers
- Willems, E. (1983a). *Autobiografia*. 1983a. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.
- Willems, E. (1983b). *Carta para Oracy Nogueira*. 12/01/1983 Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.
- Willems, E. (1983c). *Carta para Oracy Nogueira*. 20/01/1983 Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.
- Willems, E. (1983d). *Carta para Oracy Nogueira*. 29/03/1983 Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.
- Willems, E. (1983e). *Carta para Oracy Nogueira*. 25/04/1983 Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção

Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.

Willems, E. (1983f). *Carta para Oracy Nogueira*. 02/10/1983 Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1.1 – Correspondências (C); FIOCRUZ.

Willems, E. (1984) *Der preussisch-deutsche Militarismus: ein Kulturkomplex im sozialen Wandel*. Verlag Wissenschaft und Politik.

Willems, E. (1985b). *Carta para Mariza Corrêa*. 26/06/1985. Fundo Mariza Corrêa. Caixa 64 – Mariza Corrêa – Egon Schaden – Carlos Rodrigues Brandão – Roberto Cardoso de Oliveira – Verena Stolcke. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp).

Willems, E. (1985c). *Carta para Mariza Corrêa*. 31/07/1985. Fundo Mariza Corrêa. Caixa 64 – Mariza Corrêa – Egon Schaden – Carlos Rodrigues Brandão – Roberto Cardoso de Oliveira – Verena Stolcke. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp).

Willems, E. (1986) *A Way of Life and Death: Three Centuries of Prussian-German Militarism: An Anthropological Approach*. Vanderbilt University Press.

Willems, E. (1993). *My life in three worlds*. [S. l.: s. n.].

TRÊS VEZES EMILIO WILLEMS: REFLEXÕES SOBRE OS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE UM ANTROPÓLOGO

Resumo: Neste artigo, analiso a produção de três textos autobiográficos escritos pelo cientista social Emilio Willems. Sendo um dos nomes mais importantes da institucionalização da antropologia em São Paulo na década de 1940, Willems escreveu a partir da década de 1980 três textos autobiográficos em situações distintas. O primeiro deles, escrito em 1983 para Oracy Nogueira, o segundo como um depoimento autobiográfico escrito para Mariza Corrêa em 1985 e por fim o livro nunca publicado *My life in three worlds* de 1993. Nesse sentido, busco apresentar o contexto de produção desses três relatos e as formas com que o professor resolve narrar sua vida para refletir sobre a própria produção autobiográfica. O que a produção desses textos, suas diferenças e reinterpretações, e as suas publicações revelam para o conhecimento da história da antropologia brasileira?

Palavras-Chave: autobiografia; história da antropologia; Emilio Willems.

THREE TIMES EMILIO WILLEMS: REFLECTIONS ON THE AUTOBIOGRAPHICAL ACCOUNTS OF AN ANTHROPOLOGIST

Abstract: In this article, I analyze three autobiographical texts written by the social scientist Emilio Willems. One of the most important figures in the institutionalization of anthropology in São Paulo in the 1940s, Willems wrote three autobiographical texts in different circumstances from the 1980s onwards. The first was written in 1983 for Oracy Nogueira, the second as an autobiographical statement written for Mariza Corrêa in 1985 and finally the never published book *My life in three worlds* from 1993. This article aims to present the context in which these three pieces were produced and the ways in which Willems decides to narrate his life, reflecting on his autobiographical production. What do the production of these texts, their differences and reinterpretations, and their publications reveal for the knowledge of the history of Brazilian anthropology?

Keywords: autobiography; history of anthropology; Emilio Willems.

TRES VECES EMILIO WILLEMS: REFLEXIONES SOBRE LOS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE UN ANTROPÓLOGO

Resumen: En este artículo analizo la producción de tres textos autobiográficos escritos por el científico social Emilio Willems. Siendo una de las figuras más importantes en la institucionalización de la antropología en São Paulo en la década de 1940, Willems escribió tres textos autobiográficos en distintas situaciones a partir de la década de 1980. El primero fue escrito en 1983 para Oracy Nogueira, el segundo como una declaración autobiográfica escrita para Mariza Corrêa en 1985 y finalmente el libro nunca publicado *My Life in Three Worlds* de 1993. En este sentido, pretendo presentar el contexto en el que fueron producidos estos tres relatos y las formas en que el

profesor decide narrar su vida para reflexionar sobre su propia producción autobiográfica. ¿Qué revelan la producción de estos textos, sus diferencias y reinterpretaciones, y sus publicaciones para el conocimiento de la historia de la antropología brasileña?

Palabras-clave: autobiografía; historia de la antropología; Emilio Willems.

SUBMETIDO: 31/02/2025

APROVADO: 19/02/2026

PUBLICADO: 10/04/2026



Este é um material publicado em acesso aberto sob a licença *Creative Commons* BY-NC